



A contribuição de E. P. Thompson para a apreensão dos saberes produzidos do/no trabalho¹

E. P. Thompson's contribution to the apprehension of knowledge produced from and in work

Célia Regina Vendramini
cvendram@ced.ufsc.br

Resumo: O artigo tem como ponto de partida a reflexão sobre o significado dos saberes do/no trabalho no contexto em que o trabalho e os processos de aprendizagem vêm se desenvolvendo na atualidade, procurando observar as contradições aí presentes. Busca sustentação nas idéias de Edward Thompson, que, pelos seus estudos históricos, fornece indicações e caminhos metodológicos fundamentais para apreender a realidade e suas contradições, em seus aspectos objetivos e subjetivos, na singularidade e na totalidade e na dialética de passado, presente e futuro. A categoria experiência desenvolvida por Thompson permite apreender o sentido dos saberes produzidos do e no trabalho e, especialmente, o contexto em que eles são elaborados, bem como suas possibilidades.

Palavras-chave: saberes do trabalho, experiência humana, E. P. Thompson.

Abstract: In this article the author presents a reflection on the meaning and contradictions of knowledge from experience at the workplace in the current reality of the world of labor. The theoretical framework developed by the historian Edward Thompson sustains the analysis. This perspective was chosen because of its methodological perspective, which is considered central to understand reality in its multiples dimensions: its objective and subjective aspects and its particular and singular elements as well as the totality. It allows one to apprehend reality and its historicity in a way that dialectically articulates past, present and future. The category of experience, as it is developed by Thompson, allows one to apprehend the meaning of knowledge produced from and in work and, more specifically, the broad context where that knowledge emerges and its possibilities.

Key words: knowledge from work, human experience, E. P. Thompson.

Analisar o significado do reconhecimento de saberes do/no trabalho impõe, em primeiro lugar, pensar sobre o contexto do trabalho na atualidade. Ele está associado, em primeiro lugar, à sobrevivência, num contexto

em que não há trabalho ou emprego para todos, em que trabalhar significa ser explorado, em que uma grande maioria dos trabalhadores não têm qualificação, em que pouco se aprende em muitas atividades, ou se aprende

de algo meramente referente à atividade em si, um conhecimento técnico, imediato, prático. Podemos dizer ainda que as pessoas desaprendam pelo trabalho (desaprendem quando são socializadas pelo trabalho para uma

¹ Texto apresentado na I Jornada de Estudos sobre Produção e Legitimação de Saberes no/do Trabalho, realizada na UNISINOS, nos dias 27 a 29 de março de 2006.

cultura da subserviência, do consumo, da corrupção, do individualismo, da malandragem e do desrespeito).

Esse é o contexto do trabalho hoje. Mas, ainda assim, temos que reconhecer que este trabalho é feito por sujeitos, portanto significa uma ação humana. Por trás de toda mercadoria, há trabalho humano nela incorporado, há força e energia humana. Marx (1985^a, b), n' *O capital*, defendeu a tese de que o trabalho é uma "mercadoria fictícia" (não é genuína porque não é produzida para a venda e não é claramente separável de seu proprietário) e que qualquer tentativa de tratar seres humanos como mercadoria resulta em insatisfação e resistência.

Neste sentido, cabe captar a contradição entre uma ação que é humana, mas que é realizada por meio de relações capitalistas de produção, com base na alienação e na exploração. Como identificar, assim, o que reproduz e os possíveis elementos criadores?

Outro aspecto fundamental para a análise é situar o contexto não só do trabalho, mas do processo de aprendizagem predominante nesta sociedade. Diferentemente do período das oficinas e corporações, em que a aprendizagem era individual e acontecia com as mãos, hoje, assim como o trabalho é uma produção social, também a aprendizagem o é: não mais individual, mas coletiva; não mais pelas mãos, mas de forma intelectual.

O desenvolvimento industrial realiza-se às custas de um longo período de expropriação. A utilização das máquinas rompe com a unidade trabalhador e sua ferramenta. O velho artesão vai desaparecendo à medida que o trabalho adquire caráter social, pela cooperação de muitos, o que muda radicalmente a forma de educar os cidadãos. O trabalho social, cooperativo, mais ou menos contingente na manufatura e que ainda dependia da subjetividade, da habilidade de al-

guns artesãos, agora objetivado na maquinaria automática, torna-se independente das habilidades dos trabalhadores (Fiod, 2005, p. 251).

Marx reconhece que esta é a grande revolução burguesa, a criação do trabalho social, coletivo, não mais subjetivo e determinado pelas condições naturais, mas objetivo, completamente controlado pelo homem, com o uso das máquinas.

Neste sentido, a aprendizagem não é mais fruto de uma relação entre mestre e aprendiz, em que o aprendiz aprendia fazendo, e não mais limitada ao contexto das oficinas, mas é algo universal, produzido socialmente. Portanto, em vez de alimentarmos a nostalgia da formação artesanal (Rugiu, 1998), presente no pensamento de teóricos, filósofos e pedagogos, liberais e utópicos, é necessário reconhecermos o contexto em que vivemos, suas possibilidades, suas contradições e, fundamentalmente, sua materialidade, para assim compreendermos o que é possível produzir em termos de idéias, saberes e conhecimentos no trabalho.

A contribuição de Thompson na apreensão dos saberes produzidos do/no trabalho

A trajetória de vida, de trabalho e de militância de Edward Thompson, que viveu de 1924 a 1993, desenvolveu no autor uma sensibilidade e aguçada capacidade de problematizar a realidade e de observá-la para além dos muros acadêmicos, captando o movimento real e os sujeitos que o constituem. Thompson trabalhou como professor de adultos em aulas para trabalhadores e sindicalistas. Participou, junto com Hobsbawm e Christopher Hill, do grupo de historiadores do Partido Comunista Inglês. Abandonou-o em 1956 por não concordar com suas posições políticas e ideológicas, ten-

do em vista a sangrenta repressão do levante na Hungria pelo exército vermelho, aplaudida pelos Partidos Comunistas do Ocidente. Foi ativista do movimento antinuclear na Europa.

Elaborou, a partir da década de 1950, estudos em que resgata a história das classes trabalhadoras inglesas, abrangendo aspectos pouco estudados até então. Retomou uma categoria de análise, nos marcos do materialismo histórico, que é a experiência histórica. A obra *A formação da classe operária inglesa* não foi um livro escrito para o meio acadêmico. Thompson ingressou na universidade apenas na década de 1960.

O autor analisa as classes sociais como um processo em formação. É a luta que as forma. Daí a importância da experiência. Retoma a idéia marxista da classe como sujeito, ampliando seu significado, enquanto relação. Valoriza as tradições, costumes e modos de vida dos sujeitos sociais; por isso, tem sido interpretado, equivocadamente, como um historiador culturalista.

Tendo em vista seus estudos históricos, ao tratar da *Formação da classe operária inglesa*, em seus aspectos objetivos e subjetivos, não apenas determinada pela revolução industrial, mas também como fruto de experiências dos trabalhadores ingleses anteriores à Revolução Industrial, Thompson fornece importantes indicações para a apreensão dos saberes do trabalho, ao considerar o contexto, a materialidade, as condições objetivas de realização do trabalho e da educação, aliadas às condições subjetivas, à experiência humana e à aprendizagem constituídas coletivamente pelos sujeitos sociais.

Retratar as mudanças de vida dos trabalhadores rurais, dos artesãos e tecelões pode parecer um registro de frustrações e fracassos, mas a experiência apresenta muitas tradições que se originam deste período. Dos primeiros estágios da auto-educação política de

uma classe, que dizem respeito aos efeitos morais da sociedade, acompanhamos com o autor o despertar de uma autoconsciência coletiva, associada a teorias, instituições, normas disciplinares e valores comunitários correspondentes que distinguem a classe operária do século XIX da plebe do século XVIII. Da revolta dos trabalhadores na destruição de máquinas, assistimos nos anos de 1830 aos homens lutarem, não contra a máquina, mas contra as relações exploradoras e opressivas intrínsecas ao capitalismo industrial. Nesse momento, é possível falar de uma nova forma de consciência dos trabalhadores em relação aos seus interesses e à sua situação enquanto classe, que se refletem na identidade de interesses entre trabalhadores das mais diversas profissões e níveis de realização, de um lado, e na identidade dos interesses da classe operária, de outro, expressos em muitas formas institucionais e no sindicalismo de 1830-34 (Vendramini, 2004, p. 27).

Nesta direção, Thompson reconhece e analisa as experiências das quais surgiu a expressão cultural e política da consciência da classe operária. Sua análise considera o modo de vida característico dos trabalhadores, que está associado com um modo de produção, e os valores partilhados pelos que viveram durante a Revolução Industrial. É um estudo das experiências cotidianas, da qualidade de vida, dos valores com desejo de racionalização global.

Se detemos a história num determinado ponto, não há classes, mas simplesmente uma multidão de indivíduos com um amontoado de experiências. Mas se examinarmos esses homens durante um período adequado de mudanças sociais, observaremos padrões em suas relações, suas idéias e instituições. A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história (Thompson, 1987a, p. 11).

Thompson dá importância a um conjunto de ações e tradições populares inglesas vigentes no séc. 18 que influenciaram a agitação jacobina dos anos 1790. Tradições da Sociedade Londrina de Correspondência, da Dissidência Metodista, das turbas, multidões revolucionárias e ações populares. Analisa os primeiros estágios de auto-educação política de uma classe, com base nas experiências do radicalismo plebeu (através do luddismo até a época heróica das guerras napoleônicas) que criaram a cultura do autodidatismo, da imprensa radical, da alfabetização e participação, das sociedades de leitura, do teatro, do cartum popular/político.

A defesa do Método Materialista Histórico

Para apreender as contradições sociais, o movimento histórico, Thompson faz uma defesa do Método Materialista Histórico.

Como método de análise da realidade social, compreende o materialismo como atividade dos homens, como produção da vida, que se constitui num ato histórico, portanto, num ato de transformação, num movimento social permeado por contradições.

Segundo Thompson, há necessidade de uma lógica de análise histórica adequada aos fenômenos que estão sempre em movimento, “que evidenciam – mesmo num único momento – manifestações contraditórias, [...] assim como o objeto de investigação se modifica também se modificam as questões adequadas” (1981, p. 48). No texto *A lógica histórica* (in: *A miséria da teoria*, 1981), o autor discute oito proposições em defesa do materialismo histórico, que se distinguem pela elaboração de categorias articuladas numa totalidade

conceitual, na direção de um conhecimento em desenvolvimento, que se dá tanto pela teoria quanto pela prática.

“O materialismo histórico não difere de outras ordenações interpretativas das evidências históricas [...] por quaisquer premissas epistemológicas, mas por suas categorias, suas hipóteses características e procedimentos consequentes, e no reconhecido parentesco conceptual entre estas e os conceitos desenvolvidos pelos praticantes marxistas em outras disciplinas” (p. 54). Thompson não considera a historiografia marxista dependente de um corpo teórico. “A pátria da teoria marxista continua onde sempre esteve, no objeto humano real, em todas as suas manifestações (passadas e presentes)” (p. 55). Indo mais além, compreende que o conhecimento não pode ficar aprisionado ao passado. “Ele nos ajuda a conhecer quem somos, porque estamos aqui, que possibilidades humanas se manifestaram, e tudo quanto podemos saber sobre a lógica e as formas de processo social” (p. 57). Observamos que, assim como Marx, o *vir-a-ser* ocupa espaço no pensamento e na prática deste historiador inglês. Tal elemento é fundamental para analisarmos os saberes produzidos no trabalho e discernir sobre aquilo que reproduz e aquilo que possibilita algo novo no pensamento e na prática social.

A categoria de análise experiência²

Na sua crítica ao estruturalismo (dirigida especialmente a um marxista estruturalista: Althusser³), hoje atualizado no pós-estruturalismo, multiculturalismo, história serial, Thompson propõe um termo ausen-

² As reflexões sobre a categoria experiência estão apresentadas em parte e de forma modificada num artigo da autora publicado na revista *Esboços* (Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina), n. 12, 2004.

³ Crítica presente na obra “A miséria da teoria ou um planetário de erros” (uma crítica ao pensamento de Althusser).

te, a experiência. Opõe a noção de processo e totalidade social à noção de estrutura e sistema, na medida em que nestas não há sujeitos e relações, mas estruturas rígidas que impedem a ação humana. O estruturalismo marxista caracteriza-se por compreender a reprodução e a produção no sentido restrito e exclusivo de “práticas econômicas de produção”. Há, portanto, um fosso entre a esfera econômica e a subjetividade humana e uma transferência, sem mediações, das determinações do real para a consciência. Nessa concepção, que perde a unidade da obra marxiana, há uma dicotomia absoluta entre realidade e pensamento. Segundo Thompson, Althusser negou o papel ativo dos homens na história, transformando-os em mero desdobramento das estruturas.

No texto *Mesa, você existe?*, Thompson (1981) supõe um interrogatório da mesa com um filósofo e conclui que, assim como o ser social não é uma mesa inerte que não pode refutar um filósofo com suas pernas, a consciência social não é um recipiente passivo de reflexões daquela mesa.

Nossa preocupação, mais comumente, é com múltiplas evidências, cuja inter-relação é, inclusive, objeto de nossa investigação. Ou, se isolamos a evidência singular para um exame à parte, ela não permanece submissa, como a mesa, ao interrogatório; agita-se, nesse meio tempo, ante nossos olhos. Essas agitações, esses acontecimentos, se estão dentro do “ser social”, com frequência parecem chocar-se, lançar-se sobre, romper-se contra a consciência social existente. Propõem novos problemas e, acima de tudo, dão origem continuamente à *experiência* – uma categoria que, por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições

do mesmo tipo de acontecimento (Thompson, 1981, p. 15).

Ao considerar as classes como um processo em formação, um “fazer-se”, constituída e constituinte da luta, percebe-se a importância atribuída por Thompson ao conceito de experiência. No processo de formação social, a experiência humana tem papel central, ela é gerada na vida material e estruturada em termos de classe.

Pela experiência os homens se tornam sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesses, como antagonismos. Eles tratam essa experiência em sua consciência e cultura e não apenas a introjetam. Ela não tem um caráter só acumulativo. Ela é fundamentalmente qualitativa (Thompson, 1981, in Gohn, 1997, p. 204).

Thompson compreende que a classe e a consciência de classe vão se formando juntas na experiência: é uma formação imanente. Tal compreensão pode ser observada na análise que faz do período 1790 a 1830, quando se forma a classe operária inglesa. O fato é revelado, em primeiro lugar, pelo crescimento da consciência de classe: a consciência de uma identidade de interesses entre todos esses diversos grupos de trabalhadores contra os interesses de outras classes. E, em segundo lugar, no crescimento das formas correspondentes de organização política e industrial. Acrescenta, ainda, que “o fazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica” (Thompson, 1987b, p. 17).

Thompson analisa um período adequado a mudanças sociais e não acontecimentos, observando padrões em suas relações, suas idéias e instituições. A experiência é possível de ser observada nesse processo do fazer-se da classe. A experiên-

cia é o vivido, são os acontecimentos, as ações e, ao mesmo tempo, o sentido a elas atribuído.

“A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo.” (Thompson, 1981, p. 16). Há, portanto, uma relação permanente entre a matéria e o pensamento, um implica o outro, o que pressupõe o diálogo entre o ser social e a consciência social, algo negligenciado por Althusser.

O que queremos dizer é que ocorrem mudanças no ser social que dão origem à *experiência* modificada; e essa experiência é *determinante*, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados. (Thompson, 1981, p. 16).

Isso que dizer que, “assim como o ser é pensado, também o pensamento é vivido” (Thompson, 1981, p. 17). A trajetória de vida de Thompson, para além dos muros acadêmicos, lhe proporcionou elementos suficientes para pensar a realidade social de forma menos rígida e estruturalista. Ele mesmo lembra a Althusser que conhecimentos se formaram e se formam fora dos procedimentos acadêmicos e dos recintos da universidade. Como professor de adultos em aulas para trabalhadores e sindicalistas, como militante do Partido Comunista Inglês e do movimento antinuclear na Europa, aprendeu logo que “a experiência não espera discretamente, fora de seus gabinetes, o momento em que o discurso da demonstração convocará a sua presença. A experiência entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trin-

cheira, desemprego, inflação, genocídio” (p. 17). Frente a estas experiências, Thompson indica que velhos sistemas conceituais podem desmoronar e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença.

Aspectos metodológicos para a análise dos saberes do/no trabalho

Apresentamos, a seguir, alguns elementos presentes nas obras de Thompson que podem ajudar metodologicamente a identificar, problematizar e reconhecer os saberes que se constroem no trabalho, especialmente nas experiências coletivas ou associativas.

Apreender a singularidade sem perder de vista a totalidade dos fenômenos sociais. Entende Thompson que, embora os historiadores possam tomar a decisão de selecionar algumas evidências para análise, e escrever uma história de aspectos isolados do todo, o objeto real continua unitário.

Ao buscarmos, por exemplo, analisar as experiências coletivas e cooperativas de trabalhadores e os saberes nelas desenvolvidos, observamos que há uma diversidade de formas de organização, de associação, de gestão, de articulação externa, de vínculos com o mercado, entre outros aspectos. Esse contexto só pode ser apreendido na sua singularidade, nos elementos particulares que o constituem, na experiência desenvolvida pelos sujeitos. Ao mesmo tempo, não podemos perder de vista o contexto histórico e mais amplo em que as experiências cooperativas são desenvolvidas para podermos compreender suas potencialidades e seus limites que são históricos.

Thompson atribui um valor muito grande aos estudos empíricos, à análise do movimento real da sociedade, sem desconsiderar a análise mais ampla da sociedade, o que nos ajuda a

compreender diversas formas de organização da vida social nos dias de hoje: cooperativas, associações, movimento dos sem-teto, dos sem-terra, movimento de mulheres, de negros, ambientais etc, como expressão das relações de classe. O autor não se perde nas reflexões abstratas, gerais, sem sentido, mas também não se limita ao particular e específico, que se constitui na falta de uma crítica global à sociedade capitalista.

Há uma tendência bastante forte no meio acadêmico de apreensão da realidade na sua mera singularidade e particularidade, nas manifestações simbólicas e aparentes dos fenômenos sociais, sem considerar o contexto histórico, social e econômico que a constitui e é por ela constituído. “Abandonam-se os tempos fortes e os movimentos voluntaristas de mudança, em direção à memória do cotidiano das pessoas simples” (Dosse, 1992, p. 168).

Apreender as contradições da realidade é outro aspecto enfatizado por Thompson, o que pressupõe que os conceitos e regras históricos exibam extrema elasticidade e permitam grande irregularidade. O objetivo da história, para o autor, é reconstituir, explicar e compreender seu objeto: a história real, sendo esta dinâmica, complexa e contraditória.

Para captar os saberes produzidos do e no trabalho, há necessidade de compreender as contradições do contexto em que eles são elaborados, que diz respeito à afirmação e negação do trabalho; às relações que permeiam o trabalho; aos tipos de saberes produzidos (técnicos, críticos, reprodutores); à luta entre as velhas e as novas formas de produção presentes nas cooperativas de trabalhadores, em que estes aprendem pela autogestão, pela liderança, pela experiência coletiva, mas, ao mesmo tempo, estão inseridos no modo de produção fundado na alienação e na exploração do trabalho.

O metodismo, por exemplo, é apreendido por Thompson segundo suas tradições autogestionárias e, ao mesmo tempo, utilitaristas; por suas tendências democráticas e também autoritárias; como religião da burguesia industrial, mas também de amplos setores do proletariado. As ambivalências em relação às mulheres durante a revolução industrial são problematizadas. Ao mesmo tempo em que elas encontram as condições de emancipação, são obrigadas a redobram seu trabalho, a separarem-se dos seus filhos e a disputarem o trabalho com seus maridos e filhos.

Apreender os aspectos objetivos e subjetivos das experiências nos permite fazer uma análise mais profunda e próxima da realidade de estudo.

NA *formação da classe operária inglesa*, as tradições populares vigentes no século 18 que influenciaram a fundamental agitação jacobina dos anos 1790 são não só lembradas, mas problematizadas como condições subjetivas para o florescimento da futura classe operária. Associadas às novas experiências e tradições inglesas (Dissidência, Turba e Direito de nascimento do inglês), serão determinantes para os primeiros estágios de auto-educação política de uma classe. Thompson passa das influências subjetivas para as objetivas, ao analisar as experiências de grupos de trabalhadores durante a Revolução Industrial (os artesãos, tecelões e trabalhadores rurais) e o caráter da nova disciplina industrial do trabalho. Conclui que tanto o contexto político quanto a máquina a vapor influenciaram a formação da classe operária. Observa-se, portanto, a continuidade das tradições num contexto alterado, ou seja, as mesmas aspirações, temores e tensões surgem num novo contexto, com nova linguagem e argumentos e num equilíbrio de forças modificado.

Ao analisar a força dos trabalhadores, passando pela história do ra-

dicalismo plebeu, levando-a através do ludismo até a época histórica no final das Guerras Napoleônicas, Thompson reascende as experiências passadas em articulação com as atuais para apreender a nova forma de consciência dos trabalhadores em relação aos seus interesses e à sua situação de classe. Percebe as mudanças e o sentido histórico das associações e experiências coletivas: dos confrontos pessoais aos embates massivos impessoais do futuro; das atitudes subpolíticas à autoconsciência de classe; da experiência da Turba às multidões revolucionárias; da destruição das máquinas à luta contra as relações exploradoras do capitalismo industrial.

O combate ao erro das generalizações, alertado por Thompson, nos faz atentar para a diversidade das experiências coletivas, diversidade local e regional, mas também de ações e práticas sociais, desenvolvidas em contextos e situações específicas que encontram sentido no interior das relações sociais.

A necessária dialética de passado, presente e futuro nos leva a considerar, na análise da atualidade, a memória histórica e a projeção do futuro. Para apreender os saberes constituídos no trabalho, é preciso considerar a forma de trabalho na atualidade, as formas anteriores e as perspectivas apontadas por Marx de um trabalho com base na livre associação entre os trabalhadores; assim como considerar os modos de aprendizado presentes nas diferentes formas históricas do trabalho. “Nosso conhecimento não fica (esperamos) por isto aprisionado nesse passado. Ele nos ajuda a conhecer quem somos, porque estamos aqui, que possibilidades humanas se manifestam, e tudo quanto podemos saber sobre a lógica e as formas de processo social” (Thompson, 1981, p. 57).

Assim como Marx, Thompson não está preocupado apenas em recupe-

rar o passado histórico para compreender o presente; mais do que isso, o vir-a-ser conquista seu espaço no processo de formação social: “ao investigar a história não estamos passando em revista uma série de instantâneos, cada qual mostrando um momento do tempo social transfixado numa única e eterna pose: pois cada um desses instantâneos não é apenas um momento do ser, mas também um momento do vir-a-ser” (1981, p. 58). Por sua vez, Marx percebe que “o desenvolvimento das contradições de uma forma histórica de produção é, no entanto, o único caminho histórico de sua dissolução e estruturação de uma nova” (1985, p. 90).

Conclusões

A análise das contradições e ambivalências das experiências históricas; das condições objetivas e subjetivas das situações reais; o estudo do contexto social e das tradições das experiências que nele emergem são eixos de análise presentes no estudo d’*A formação da classe operária inglesa* (Thompson, 1987a, b e c) e elementos preciosos para pensar o movimento social atual.

Thompson fornece suporte para analisar, especialmente, as experiências coletivas, considerando o contexto social que as produz. Há diversas formas e espaços de vivenciar experiências, de aprender com elas e de lhes dar sentido, mas é indiscutível que o coletivo, pensado aqui como coletivo que reúne as pessoas em torno de objetivos comuns, em torno de algo que as identifica, permite a vivência de experiências que podem vir a se tornar emancipadoras. Portanto, estudar a experiência significa estudar o processo social que a engendra, com suas tradições passadas, levando-se em conta a vida material, bem como suas perspectivas futuras.

Um importante aspecto do pensamento de Thompson (1987a, b e c) é o

de compreender como se constituem os sujeitos não só como produtos das circunstâncias sociais. Isto é revelado pela sua tese central n’*A formação da classe operária inglesa*: o fazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica. Ela não foi gerada espontaneamente pelo sistema fabril. Nem devemos imaginar alguma força exterior – a revolução industrial. A classe operária formou a si própria tanto quanto foi formada.

Há necessidade, hoje, de incorporar o sujeito ao discurso, diante de um conjunto de pressões temporais, técnicas, instrumentais de formação, em que o sujeito tem sido mutilado por muitas lógicas (econômica, política, informacional), tendo reduzidas suas capacidades mentais e instrumentais.

Enquanto a realidade sócio-histórica estiver fora do objeto real, exigindo a sua adaptação à teoria e, portanto, naturalizando as relações sociais, o conhecimento perde seu sentido e retira de si a responsabilidade não só com a explicação, mas também com a transformação.

Referências

- DOSSE, F. 1992. *A história em migalhas: dos Annales à nova história*. São Paulo/Campinas, Ensaio/UNICAMP, 267 p.
- FIOD, E.G.M. 2005. Mudanças nas formas de aprendizagem do trabalhador. In: B.W. AUED, *Traços do trabalho coletivo*. São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 237-274.
- GOHN, M.G. 1997. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo, Edições Loyola, 396 p.
- HOBBSAWM, E. 1991. *A era das revoluções*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 366 p.
- MARX, K. 1985a. Maquinaria e grande indústria. In: K. MARX, *O capital: crítica da economia política*. 2ª ed., São Paulo, Nova Cultural, p. 7-101. (Os economistas, 2).
- MARX, K. 1985b. A mercadoria. In: K. MARX, *O capital: crítica da economia*

- política*. 2ª ed., São Paulo, Nova Cultural, p. 43-78. (Os economistas, 1).
- RUGIU, A.S. 1998. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas, Autores Associados, 167 p.
- THOMPSON, E. 1981. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro, Zahar, 231 p.
- THOMPSON, E. 1987a. *A formação da classe operária inglesa*. Vol. 1, 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 204 p.
- THOMPSON, E. 1987b. *A formação da classe operária inglesa*. Vol. 2, 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 347 p.
- THOMPSON, E. 1987c. *A formação da classe operária inglesa*. Vol. 3, 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 440 p.
- VENDRAMINI, C.R. 2004. Experiência humana e coletividade em Thompson. *Esboços*, **12**:25-36.

Submetido em: 16/08/2006

Aceito em: 15/09/2006

Célia Regina Vendramini
UFSC, SC, Brasil